



UMA SEMENTE EM POTENCIAL DE CRESCIMENTO

Crítica do experimento cênico *Tríade: uma releitura de o leão e a joia*, dirigido por Bruno Rafael Caldeira e apresentado no âmbito da 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa

Por Júlia Lise

A partir de uma releitura do conto “O Leão e a Jóia” de Wole Soyinka, o grupo Tríade propõe um experimento teatral que denuncia a estrutura colonial imposta na sociedade.

Acerca da cena teatral, entendo que é possível deixar lacunas para a livre interpretação do público, porém essa dinâmica não cabe em todas as situações. Quando a escolha é um teatro que questiona a política, preconceitos sociais e o sistema em que a sociedade está envolvida, a presença dessa lacuna significa uma falta de posicionamento por parte dos artistas, fazendo com que a crítica não chegue ao público.

Em outras palavras, isso acontece quando os personagens apresentam uma questão sem um desenvolvimento. Como exemplo, posso citar o momento em que o artista associa a palavra “poder” ao desenho de um pênis. Sabendo que há uma diversidade de pessoas e pensamentos presentes na plateia, é necessário que entendamos exatamente seu significado para que capturemos a crítica crua (sem brecha) dando espaço somente para concordarmos ou discordarmos. No caso dessa parte do espetáculo, poderia ser entendida tanto como uma denúncia ao significado de poder na sociedade, quanto um reforço de que realmente pênis é poder. Cabe aos artistas mostrarem a intencionalidade desejada.

Supondo que a intenção dos criadores é estabelecer um diálogo com quem os assiste, diria que não é possível quando deixamos o público mais livre para completar confortavelmente os espaços com os próprios ideais, mas sim quando causamos o desconforto de um posicionamento pontual. Sugiro partir do fato de que nada é óbvio para o público, portanto todos os “porquês” precisam ser ditos para que a plateia seja suficientemente provocada gerando reflexão sobre as questões apresentadas.

Na apresentação, o cenário, que consiste em um tambor centralizado rodeado por linhas vermelhas sobre terra e folhas, já está montado antes da plateia chegar, gerando uma



expectativa sobre como será utilizado cada objeto. Na foto de divulgação, os artistas usam como item principal a linha vermelha enquanto na cena não é utilizado em nenhum momento. Seria interessante rever a presença dessa linha vermelha, já que chamou tanta atenção.

No final, o público é envolvido em uma celebração, na qual marcamos o ritmo batendo palmas e um dos atores nos pede para ficarmos em pé. Logo em seguida, os artistas quebram esse clima perguntando o porquê estamos celebrando. Seria interessante experimentar essa quebra se o público tivesse se levantado espontaneamente. Não faz sentido nos pedir para levantar e depois perguntar o porquê estamos assim. Por fim, é perceptível que essa cena é uma semente em potencial de crescimento, sendo necessário o desenvolvimento das propostas apresentadas e um maior aprofundamento das referências utilizadas.

* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “*Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar*”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martínez Corrêa *

Apoio:



Realização:

Secretaria Municipal de
Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal
de Araraquara